

# CEDI

## Povos Indígenas no Brasil

Fonte: Jornal do Nordeste

Class.: 09

Data: 29/07/69

Pg.: \_\_\_\_\_

### FLECHAS, LANÇAS, MORTOS. OS GAVIÕES

*JT 29.7.69*  
**PASSARAM AQUI.**

*Índios terras invadidas*  
O corpo de Clóvis de Sousa, varado por 21 flechadas e vários golpes de lança, estava dentro de uma casa de madeira em construção, no roçado de seu patrão Artur José de Oliveira. Clóvis de Sousa, baiano de 22 anos, morreu tentando esconder-se embaixo de um estrado de madeira, quando os gaviões atacaram — os índios pintados de tinta vermelha, feita de uma semente chamada urucum.

No roçado — que fica a oito horas de caminhada mata adentro, a partir do quilômetro 107 da rodovia que liga Marabá a Belém do Pará — urubus sobrevoavam outros dois corpos: os corpos de Vicente Vitor e de Aldêncio José, também empregados de Artur José de Oliveira. Vicente Vitor, de 23 anos, filho de pais desconhecidos, apelidado "Pernambuco", também tinha ferimentos de lança, e dois tiros de cartucho calibre 20 na cabeça. Estava a 300 metros da casa em construção onde foi encontrado o corpo de Clóvis. Ele tentara fugir, correndo, assim que os índios se aproximaram, dando tiros, sexta-feira de manhã. Mas caiu no meio de um matagal e foi alcançado. Depois de matá-lo, os índios amarraram-lhe a cabeça e a bôca com um cipó bem apertado. E enfiaram penas de arara ao redor de seu corpo. No dia seguinte, sábado passado, a expedição que chegou ao roçado enterrou os corpos de Clóvis de Sousa e de "Pernambuco".

Aldêncio José, maranhense, quase conseguiu escapar. Chegou a correr até o outro lado de um morro, onde foi alcançado. Urubus também voavam ali, denunciando seu corpo. Mas não se sabe como foi morto. A expedição não se arriscou a ir até lá, atrás do morro.

Ao lado da casa de madeira, que os três rapazes mortos estavam ajudando a construir, fica uma casa de taipa. A casa é de Artur Oliveira, que todos chamam de Artur Caçador. Em volta, no roçado, há muitos cartuchos de espingarda calibre 20, muitas flechas, dos dois grupos de índios Pacanjês: os araras e os gaviões. Eles cercaram a casa de Artur, no ataque de sexta-feira cedo. Mas Artur conseguiu fugir, com a mulher e os filhos, depois de assustar os índios com alguns tiros. E escapou por pouco. Chegara a ouvir, instantes antes, um índio falando em português:

— Tem um homem preso na casa.

A maioria das famílias da região começou a abandonar suas terras, na margem esquerda da rodovia (no sentido Belém-Marabá). Sexta-feira mesmo, muitos caminhões chegaram ao acampamento do DER, carregados de gente (o acampamento, único lugar seguro, fica no quilômetro 86, a quase 30 km do roçado de Artur Caçador). A faixa esquerda da rodovia pertence aos índios, por decreto do governo assinado em outubro passado. Assim começaria a pacificação dos gaviões, sem nenhum branco para atrapalhar. Mas já havia famílias morando nessas terras. E grileiros continuavam vendendo terras dos índios para gente que vinha do todo lugar, principalmente Espírito Santo e Bahia.

Artur Caçador é do Espírito Santo. Comprou sua terra por 9 mil cruzelros novos, sem pedir recibo nem nada. Não sabia que pertencia aos índios. Como ele, há muita gente: perderam dinheiro e agora estão sem nada. Artur fez negócio com empréstimo do Banco do Brasil. Ele fica pedindo aos fotógrafos que aparecem por lá para que "tirem retrato" de seu roçado; quer mostrar ao Banco que já havia produzido alguma coisa.

Perto da roça de Artur, fica a de Zé Cabral, homem de cabelos e cavanhague brancos. Tem mulher e cinco filhos. Na sexta de manhã, Zé Cabral lavava o rosto e a mulher fazia café. Então ouviu os tiros. Disse:

— Vamos embora, que isso é ataque pros lados do Artur.

E fugiram imediatamente pela picada que vai dar na estrada, Zé Cabral com a filha caçula, de 3 anos nos braços. Albino, que mora mais perto de Artur, também ouviu os tiros e fugiu, com a mulher e dez filhos. Foram eles os primeiros a avisar sobre o ataque.

O sertanista Antônio Cotrim, um homem ainda moço, de barba e bigode bem tratados, havia pacificado a tribo dos gaviões em dezembro passado. Quando soube da guerra, foi até São Félix — a 4 horas de jipe do acampamento do — para pedir ajuda a alguns gaviões pacificados. Queriam que fossem junto com a expedição, no sábado, ao roçado de Artur Caçador. Os índios aceitaram.

Algum tempo antes, Cotrim tinha ido falar com os guerreiros, na mata. Eles disseram a Cotrim que não voltasse mais, que não era mais amigo. Dias depois, ele voltou: encontrou a aldeia vazia, com flechas fincadas no chão: sinal de guerra.

Mesmo assim, era ele quem ia na frente da expedição, junto com os índios pacificados, sábado de manhã. Bem mais atrás, partiram outras nove pessoas. Iam todos para o roçado de Artur Caçador, o local do primeiro ataque na guerra que os gaviões declararam. Levavam algumas espingardas para se defenderem, e facões para dar de presente aos guerreiros, em sinal de paz. Ninguém sabia que tipo de armas usariam no caminho. (A expedição e sua aventura na página anterior).